

UTOPIAS E FICÇÃO CIENTÍFICA: RAY BRADBURY E PHILIP K. DICK

Cristhiano Motta Aguiar¹

RESUMO: Ray Bradbury e Philip K. Dick são dois dos mais relevantes autores da ficção científica surgidos no século XX. *As crônicas marcianas*, escrita por Bradbury, e “Minority Report”, de autoria de Philip K. Dick, são obras representativas de cada autor e apresentam marcantes representações vinculadas à tradição dos textos utópicos. Este artigo realiza uma leitura dos textos citados articulando-os com a história da ficção científica e com a relação entre ficção científica e utopia. Através das contribuições de Causo (2003), Hansen (2003), James (2008), entre outros, é possível identificar nas obras em análise duas diferentes formas de representação utópica: em Bradbury, a afirmação da possibilidade de construção de uma comunidade utópica; em Philip K. Dick, por outro lado, encontramos uma leitura cética a respeito de qualquer implementação prática dos projetos utópicos. Para Bradbury, o planeta Marte representa um paraíso a ser reencontrado; para Philip K. Dick, o futuro será necessariamente marcada por uma experiência distópica.

PALAVRAS-CHAVE: Utopia; Philip K. Dick; Ray Bradbury

ABSTRACT: Ray Bradbury and Philip K. Dick are two of the most prominent science fiction writers of the twentieth century. The martian chronicles, by Ray Bradbury, and Minority Report, by Philip K. Dick, are important works of the selectec author and both show remarkable representations towards utopian tradition. This paper undertakes an interpretation of both texts articulating them with the history of science fiction. We also consider in this essay, for our interpretation, the articulation between Dick's and Bradbury's texts and the close relationship between science fiction and utopia. Through the contributions of Causo (2003), Hansen (2003), James (2008), among others, it's possible to identify in the works in question two diferent utopic representations: in Bradbury's, the statement of the real possibility of an utopian community construction; in Dick's, on the other hand, we find a skeptical interpretation about any kind of real utopian enterprise. In Bradbury's work, Mars represents an lost paradise that must be found; in Dick's short tale, on the other hand, the future is necessarily a distopian experience.

KEYWORDS: Utopia; Philip K. Dick; Ray Bradbury

1. Ficção científica: história, cultura de massa, sociedade

Flávio Carneiro, no seu ensaio “Das vanguardas ao pós-utópico: ficção brasileira no século XX” (2005, p.13-14), retoma uma ideia do poeta e crítico literário Haroldo de Campos: nosso tempo presente seria marcado pela vivência da pós-utopia. De fato, as utopias (ou a superação delas) estão na pauta dos debates acadêmicos sobre pós-modernidade, por exemplo. Não somente nestes debates, como também na comemoração de efemérides tais como a do Maio de 68, ou nos elogios e defesas, no dia-a-dia da política latinoamericana, dos recentes governos que emergiram dos movimentos de esquerda do século XX.

Quais as possíveis relações entre o sóbrio tema utopia e a imaginação extravagante de textos literários que tratam de raios desintegradores, seres de orelhas pontudas, discos voadores e robôs ameaçadores? Da mesma forma que pode ser surpreendente encontrar veios de água no planeta Marte, talvez nos surpreendamos não

1 Doutorando em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie e pesquisador-visitante na University of California, Berkeley. Mestre em Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Pernambuco.

somente com a qualidade literária de muitos dos textos da ficção científica, mas também com a estreita relação que esta vertente literária mantém com as utopias.

Embora não estejamos diretamente trabalhando com as teorias da estética da recepção, não custa nada lembrarmos, junto com Jauss (1994), da relação dialógica que existe entre literatura, leitor e sociedade. A ficção científica (que abreviaremos, no resto deste ensaio, para FC) nunca deixou de cumprir a função de dar respostas às inquietações do seu tempo. No ensaio “O futuro do passado: a pós-modernidade na ficção científica”, de autoria de Peixoto & Olalquiaga (1995), procura-se demonstrar como os filmes de ficção científica dos anos 50 se apresentam muito mais utópicos do que os filmes do mesmo gênero nos anos 80. Esta conclusão deve ser relativizada, pois filmes como *Cocoon* (1985) e a trilogia *Star Wars* (1977, 1980 e 1983) possuem temas, imagens e mesmo representações de comunidades utópicas. Discordâncias a parte, o interessante será percebermos como os filmes de ficção científica acompanham de perto – o que não deixa de surpreender a um determinado senso comum que poderia considerar este tipo de narrativa como muito descolada da “realidade” – as próprias mudanças sociais do seu tempo (PEIXOTO & OLALQUIAGA, 1995, p. 76).

Se analisarmos a história da FC – que se cruza com a história dos próprios textos utópicos – veremos que suas primeiras manifestações datam do surgimento do racionalismo e da ciência como instância de construção de novas representações de mundo. Uma pré-ficção científica já pode ser encontrada a partir do século XVII, ou em textos como “Micrômegas (história filosófica)”, de Voltaire, por exemplo. Mas a FC se estabelece de forma definitiva durante meados do século XIX, quando surgem autores paradigmáticos que definirão o gênero e terão uma série de imitadores: Julio Verne, Edgar Allan Poe e H.G. Wells. Não por acaso, o século XIX culmina um processo, iniciado nos séculos anteriores, de grandes e cada vez mais intensas descobertas científicas, tecnológicas e transformações políticas.

O surgimento da cultura de massa, da imprensa e de um novo mercado consumidor ajudará a popularizar estas e outras modalidades de ficção popular, como é o caso da literatura policial e da ficção de fantasia. A FC e estas outras modalidades estabeleceram uma estreita interação com a indústria de massa. Possuíam uma grande capacidade de gerar respostas diretas às injunções sociais do seu tempo, além de apresentarem um grande potencial de criar aquilo que a crítica chama de “sense of wonder”, ou seja, o sentimento de deslumbramento e de maravilhoso que estas literaturas oferecem aos leitores que entram em contato com seus novos mundos e especulações. Roberto de Sousa Causo afirma, no livro *Ficção científica, fantasia e horror no Brasil*, ao pensar sobre FC e fantasia: “*sense of wonder* ou ‘sentido do maravilhoso’ é o que muitos fãs e autores de ficção especulativa elegem como seu principal efeito. [...] O verbo inglês *to wonder* tem a dupla aplicação que caracteriza o escopo de *sense of wonder*: significa tanto ‘maravilhar-se, espantar-se com algo’, quanto ‘perguntar-se, querer saber desse algo’ (CAUSO, 2003, p.78-79). Não é por acaso que estas modalidades de literatura tenham casado tão bem com a indústria cultural de entretenimento. Apesar disso, fantasia e FC não devem, *a priori*, ser estereotipados como literatura de baixa qualidade.

2. Ficção especulativa e utopia

O conceito de “ficção especulativa”, bastante utilizado na fortuna crítica da FC, parece interessante como ponto de partida. Roberto de Sousa Causo tem uma boa definição deste conceito: “especular sobre a realidade, fornecendo paradigmas que relativizam as compreensões estabelecidas” (2003, p.34), o que levará o leitor a “uma realidade alternativa por meio da qual o leitor acessa a sua própria realidade de modo renovado” (2003, p.33). A ficção especulativa vive nesse permanente “e se...”: e se a clonagem humana fosse possível, o que aconteceria? E se fosse descoberta a cura do câncer? A FC especula a partir do conhecimento científico, cujo olhar se refrata em múltiplas possibilidades de realidade.

É curioso que a especulação da FC e fantasia tenda a ocorrer num nível muito mais “semântico” do que “sintático”. O que isso significa? As experimentações com a linguagem e com a estrutura formal *tendem*, na FC, a seguir *estratégias de representação convencionais*. Mesmo nas narrativas de autores que se preocupam com uma maior densidade literária, isto se faz sentir. O caráter da especulação se encontra muito mais no conteúdo das realidades alternativas possíveis, do que na carpintaria formal. O aparentemente contraditório mimetismo também pode ser explicado pelo forte conteúdo ideológico de parcela considerável destas histórias, que precisam utilizar-se das convenções miméticas mais reconhecíveis para transmitirem, sem grandes empecilhos, a “mensagem” contida em suas alegorias políticas do outro (HANSEN, 2003, p.21). A FC, nesse sentido, questiona o real não propriamente desestabilizando-o, como ocorre com a narrativa ambígua e multifacetada do “Homem de Areia”, de E.T.A. Hoffman, mas propondo ao leitor a troca do mundo estabelecido pelo mundo *possível*.

Já é possível perceber que FC e utopia se comungam justo nessa raiz da especulação. Os textos utópicos, sejam ficcionalizados, ou não, se revelam como especulações que um autor projeta *contra* o seu tempo. No caso de muitos dos textos utópicos do século XIX, por exemplo, é importante aos autores destes textos descobrir quais e quais gatilhos vão disparar um futuro alternativo – para muitos, imersos numa concepção positivista de mundo, um futuro inevitável – que tornará este mundo melhor. A insatisfação com o presente, contida numa frase famosa como “A propriedade é um roubo”, de Proudhon, não é muito diferente, em seu impulso utópico, de um romance de FC que proponha a colonização de outros planetas como uma forma de *recomeçar* (talvez, dependendo do autor, sem o conceito de propriedade). Os utopistas, mesmo aqueles que nunca escreveram obras de ficção, compartilham com os autores de FC a vocação de construtores de novos mundos.

3. Ficção científica e utopia: “As crônicas marcianas”, de Ray Bradbury e “Minority Report”, de Philip K. Dick

Conforme já foi dito, utopia e FC compartilham uma raiz especulativa. Um dos modelos da FC é o das viagens imaginárias, forma utilizada também nos relatos utópicos (CAUSO, 2003, p.58-59). Complementamos, ainda com Causo (2003, p.77, grifos do autor):

A viagem fantástica pode ser definida como uma sucessão de eventos fantásticos ou maravilhosos, ocorridos dentro de uma progressão no tempo e no espaço, e testemunhada por personagens que tendem a se manter, de um evento a outro. A noção de ‘eventos fantásticos’ ou ‘maravilhosos’ (incluindo a presença de um *destinador* supranatural e de uma transcendência do herói) é o que a separa de outras narrativas de viagens ou de aventuras. A natureza do evento ou fato fantástico ou maravilhoso pode ser divina, demoníaca, ou misteriosa.

No ensaio “Utopias and anti-utopias”, Edward James (2008, p.220) afirma:

Whether the utopia was Catholic, Protestant or socialist, however, its distinguishing characteristics were remarkably similar. Communal activities within small village-style communities were crucial. Most utopias eliminated money and private property, thus at one stroke removing greed, theft, jealousy and most causes of civil strife. Reason and good will would be sufficient to provide peace and harmony within the community.²

O ideal da comunidade pacífica, autossuficiente e harmônica, é o ponto de chegada do livro *As crônicas marcianas* (1954), de Ray Bradbury. Neste livro, temos a FC como *metáfora de um projeto e comunidade utópicos*. Junto com Isaac Asimov e Arthur C. Clarke, o estadunidense Bradbury, recentemente falecido, foi um dos primeiros escritores de FC a conseguir um status de literatura erudita. Além de romances, escreveu contos, peças de teatro e roteiros³. *As crônicas marcianas* trata do longo processo de colonização do planeta Marte pelos norte-americanos. O período de colonização abrangido pelo livro vai de Janeiro de 1999 até Outubro de 2026. Os capítulos consistem em contos relativamente independentes (e de qualidade irregular) que utilizam o mesmo pano de fundo da colonização.

Marte é um planeta que, na FC, foi colonizado das mais diversas formas e habitado pelas mais inacreditáveis raças, tudo isto retratado com fortes características utópicas ou distópicas (NAZARIO, 2007, p.147). Os marcianos fizeram parte do imaginário popular desde o século XIX, embora, hoje, estejam um tanto fora da moda

2 Não importa que a utopia fosse católica, protestante ou socialista, suas características definidoras eram bastante similares. Atividades comunais combinadas com comunidades assemelhadas às pequenas propriedades rurais eram características cruciais. Muitas utopias eliminaram o dinheiro e a propriedade privada, com uma só cajada removendo a ganância, o roubo, a cobiça e as mais diversas causas de desorganização civil. A racionalidade e a boa vontade seriam suficientes para conseguir alcançar a paz e a harmonia dentro da comunidade.

3 Como curiosidade: Bradbury ganhou o Oscar de melhor roteiro em 1956 por *Moby Dick*, filme estrelado por Gregory Peck e dirigido por John Huston.

no mundo pop. O primeiro escritor a fazer um romance de FC sobre Marte foi o historiador e poeta inglês Percy Gregg, com o livro *Across the zodiac*⁴ (1880). Já o inglês H.G. Wells consolidou, com seu interessante conto “O ovo de cristal”⁵ e com o romance *A guerra dos mundos*, a imagem de Marte e dos marcianos como seres ameaçadores e competidores que podem nos invadir e nos destruir.

A marte de Bradbury se coloca na tradição de uma marte utópica, que funciona como alegoria moral que nos demonstra o que perdemos, o que poderíamos ter nos tornado: “Mas algum dia a Terra vai ficar como Marte é hoje. Isso vai nos acalmar. É uma lição objetiva de civilização. Vamos aprender com Marte” (BRADBURY, 2007, p.99). O mito de retorno ao Éden encontra-se bem forte aqui, com descrição de paisagens exuberantes e de marcianos puros e idelizados, cujo tom exótico beira o *kitsch*:

Nas galerias de pedra, as pessoas estavam reunidas em grupinhos que se infiltravam nas sombras por entre as colinas azuis. [...] Era uma noite de verão sobre o planeta Marte, plácido e temperado. [...] Nas moradas longas e infinitas que serpenteavam tranquilamente pelas colinas, amantes passavam o tempo sussurrando no leito noturno fresco. [...] o povo marciano amarronzado, com olhos de moeda amarelos, reunia-se para voltar sua atenção ao palco, onde músicos produziam melodias serenas que flutuavam como o perfume de botões de flor no ar parado. (BRADBURY, 2007, p.35).

Não seria forçado pensarmos que tanto a paisagem, quanto os marcianos, descritos no livro como telepatas pacíficos e sábios, parecem ser um emblema da América pura, cujos resultados da “profanação” poderiam ser vistos na América da época na qual Bradbury escreve seu livro. O choque entre as civilizações humana e marciana é claramente uma alegoria do encontro entre europeus e indígenas, entre uma civilização representada tradicionalmente como dotada de pura beleza e harmonia com a natureza, contra outra movida pela inquietação da conquista e da ganância. Estas representações, portanto, estão calcadas no senso comum e numa utopia da Idade de Ouro conspurcada, habitada por seres elevados. Os marcianos não compartilham com os índios somente a tez “amarronzada”, eles também terão um destino semelhante: a chegada da civilização invasora trará a morte e a queda do seu modo de vida, pois os marcianos, tal como muitas das civilizações indígenas, morrerão das doenças trazidas pelo colonizador. A representação utópica de Marte não se dá apenas pelos seus habitantes, mas também pelas suas próprias riquezas naturais: tal como a América dos primeiros cronistas, Marte é a geografia ideal que muitos dos utopistas sociais do século XIX buscaram, uma terra com condições perfeitas para que floresça a comunidade

4 Neste livro, o planeta vermelho é retratado como “civilização racional e superior [...] instrumentalizada como utopia racionalista pelos intelectuais vitorianos” (NAZARIO, 2007, p.148).

5 Neste conto, o planeta é descrito como possuindo “vastos penhascos avermelhados”, “árvores de estranhas formas e cores” e habitado por seres alados “munidos de dois feixes de órgãos preênses, tais quais longos tentáculos, logo abaixo da boca” (2005, p. 41-44).

utópica. As riquezas naturais do planeta vermelho são mais abundantes do que na Terra, tornando-a um lugar ideal ao florescimento da comunidade utópica (BRADBURY, 2007, p.132-133).

Em Marte se repete o mito da América acolhedora, na qual todos terão a liberdade de fazer sua própria vida e obter uma segunda chance. Dois momentos do romance são emblemáticos neste sentido. O primeiro deles é o capítulo “Flutuando no espaço”. Ele é um típico exemplo de como a FC procura comentar o contexto social na qual surge, inserindo-se nas “pautas do dia”. No caso, as lutas dos movimentos negros por um espaço mais igualitário na sociedade americana. A alegoria de Marte, neste exemplo, exerce uma função ambígua, em que a crítica ao presente (a Terra, em pecado, aprenderá com Marte e conseguirá chegar à pureza dela) esconde um reverso conservador. Vejamos qual a solução adotada para resolver os atritos raciais dos EUA:

- Você soube?

- Soube do quê?

- Dos negros, dos negros!

- E daí?

- Eles vão embora, estão partindo, você não soube?

[...]

- Preciso ver isso. Não acredito. Para onde estão indo...? Para a África?

Silêncio.

- Marte. (BRADBURY, 2007, p.153).

A resolução dos conflitos sociais não se encontra no tempo presente e não pode acontecer na América, mas num outro planeta, para o qual o grupo-problema terá que imigrar. A metáfora acaba sendo ingênua nas suas boas-intenções. O negro parece ser o próprio “alien”: aparece, no livro, num capítulo politicamente correto (um capítulo-cota? Capítulo-gueto?) e simplesmente some no restante do processo colonizador de Marte.

O segundo momento do mito da Marte acolhedora é a própria sinalização do início da comunidade utópica harmônica, autossuficiente (qualquer semelhança com as comunidades imigrantes de puritanos, que colonizaram os EUA, não é mera coincidência): em certo momento, todos os colonizadores humanos retornam, de forma inverossímil, à Terra, que está à beira da destruição por causa das guerras. Marte fica deserta, até que um grupo de pequenos foguetes fuge da Terra convulsionada, pronto a recomençar a própria civilização humana em Marte. O capítulo que encerra o romance nos mostra uma dessas famílias de colonos, que são brancos, oriundos da classe média alta e agem sempre com a mais pura das intenções:

Estou queimando um estilo de vida, da mesma maneira que esse estilo de vida está sendo queimado na Terra neste instante. Perdoem-me por falar igual a um

político. Afinal, sou ex-governador, fui honesto e todos me odiavam por causa disso. A vida na Terra nunca conseguiu se concentrar em fazer nada muito bom. [...] Agora estamos sozinhos. Nós e um punhado de outros que pousarão nos próximos dias. O bastante para recomeçar. O bastante para rejeitar tudo aquilo que aconteceu na Terra e iniciar uma nova era... [...] Mesmo que não houvesse a guerra, teríamos vindo para Marte, creio, para viver e construir nosso próprio estilo de vida (BRADBURY, 2007, p.294-296).

Em seguida, o chefe da família afirma que eles são os novos marcianos. A utopia está prestes a se materializar de forma inevitável, da mesma forma que em alguns projetos utópicos sociais: com a terra, a pureza de alma, a boa vontade, a família, a racionalidade, a pequena comunidade.

“Minority report”, de Philip K. Dick, por outro lado, é o nosso exemplo de um outro modo da FC lidar com a utopia. Neste conto, temos a FC como *metáfora da falência do projeto utópico*. Philip K. Dick, também nascido nos Estados Unidos, é outro importante autor de FC. Suas histórias engenhosas tratam de mundos paranoicos e da complicada interação entre mente humana, máquinas e substâncias químicas. Na obra de Dick, as considerações sobre os limites da nossa capacidade de apreender não apenas o conhecimento, como também da nossa capacidade de saber o que é, ou não, o real, são extremamente importantes e suscitam questões muito atuais.

Um traço em comum entre os textos de Bradbury e Dick é a característica, apontada por James, da FC do século XX ser pautada por uma utopia baseada na tecnologia (2008, p.222). É o foguete, em *As crônicas marcianas*, ou as máquinas que auxiliam os mutantes paranormais, em “Minority report”. A utopia tradicional procura reorganizar as sociedades humanas mediante a legislação, educação e mudanças institucionais; nas utopias da FC dos séculos XX e XXI, a tecnologia atua com um papel fundamental nessa transformação, que pode transformar não apenas a sociedade, como o próprio ser humano e o meio-ambiente no qual habita (JAMES, 2008, p.227).

A FC do século XX é marcada pelo alerta de que os sonhos e projetos de comunidades perfeitas podem esconder sua verdadeira natureza de distopias, ao serem realizadas. Qual o preço do paraíso e da perfeição? Esta é a grande pergunta de “Minority report”, um texto interessante por não se tratar nem de uma utopia, nem exatamente de uma distopia. Poderíamos chamá-la de “distopia ambígua”, talvez.

Num futuro não tão distante e semelhante ao nosso próprio presente, o agente Anderton cria uma instituição chamada de Pre-crime:

- Você está a par da teoria da prevenção do crime, é claro. Suponho que isto seja ponto pacífico.

- Com a ajuda dos seus mutantes precognitivos, você conseguiu, audaciosamente, abolir o sistema punitivo pós-crime de cadeias e multas. Como todos sabemos, a punição nunca foi um grande impedimento.

- Deve ter percebido o inconveniente legal básico da metodologia pré-crime. Prendemos indivíduos que nunca infringiram a lei. [...] Nós os pegamos primeiro, antes que cometam qualquer ato de violência. Desse modo a comissão do crime, em si mesma, é uma metafísica absoluta. [...] Em nossa

sociedade, não há crimes maiores, mas temos um campo de detenção cheio de supostos criminosos. (DICK, 2002, p.13).

Os mutantes precognitivos, deformados e com retardamento mental, são mantidos trancafiados em porões e dedicam o tempo integral de suas vidas às previsões da Pre-crime. Temos a perfeita imagem de um projeto utópico que, aliado à tecnologia, conseguiu garantir uma sociedade que, se não é perfeita, é certamente mais pacífica. O alerta se inicia nessa imagem: o esmagamento da individualidade em prol do sistema mantido pelo projeto. Encontramos, aqui, a crença que muitos utopistas possuíam na possibilidade dos seus projetos darem conta de todas as variantes complexas do real e do viver em sociedade. Projetos utópicos com frequência se sustentam a partir destas duas premissas: a) a previsibilidade do comportamento humano, que corresponderia, dadas tais e tais variantes, ao que o projeto prevê; b) a inevitabilidade da colonização do futuro.

Em “Minority report”, esta colonização do futuro se deu com eficácia até o momento em que o próprio Anderton toma contato com uma previsão assustadora realizada pelos mutantes precognitivos: em poucos dias, ele deverá assassinar um homem chamado Leopold Kaplan, do qual nunca ouvira falar. A partir deste momento, uma fratura. É possível que a Pre-crime possa errar? Como Anderton praticará um crime sem ter vontade de planejá-lo? Qual o grau de confiabilidade de um sistema que se intromete tanto nas liberdades individuais dos cidadãos? Até que ponto certos dados podem ser manipulados e desviam a tecnologia de sua função pública para, pelo contrário, servir a interesses pessoais? Anderton começa a ser perseguido pelo mesmo sistema do qual fazia parte e se vê imerso num mundo de paranoia e conspiração, em que não consegue confiar em ninguém. O Estado é tão grande e presente em todos os aspectos da vida dos seus cidadãos, que qualquer forma de comportamento exterior ao que está previsto em sua planificação é rigorosamente combatido. Embora escrito quando vigoravam mais Estados em regime de exceção do que hoje, o alerta presente no conto de K. Dick não perde sua atualidade, pois diversos processos históricos e convulsões sociais marcam, nas sociedades do século XXI, a diminuição das liberdades individuais e a ascensão da paranoia, ambas instrumentalizadas pelo desenvolvimento de tecnologias de controle social. Não é preciso sequer citarmos os EUA pós-11 de setembro: é só voltarmos os olhos para nossos quintais, nossas grades, nossos alarmes e câmeras.

Anderton vai buscar no próprio sistema, que talvez não seja tão preciso assim, alguma possibilidade de provar sua inocência:

Como os resultados de um computador eletrônico são verificados? Introduzindo os dados em um segundo computador de *design* idêntico. Mas dois computadores não são suficientes. [...] A solução [...] é utilizar um terceiro computador para checar os resultados dos dois primeiros. Dessa maneira, é obtido um relatório, chamado relatório da maioria. [...] a unanimidade dos três precognitivos é um fenômeno esperado, mas raro, explica o comissário interino Witwer. É muito mais comum obter um relatório em conjunto da maioria de dois precognitivos, mais um relatório da minoria, com alguma ligeira variação [...] Isso é explicado pela teoria de *futuros múltiplos*. Se existisse somente uma trajetória para o tempo, a informação precognitiva não teria nenhuma importância, na medida em que não haveria nenhuma

possibilidade, ao se possuir essa informação, de alterar o futuro (DICK, 2002, p.34, grifos do autor).

Ao investigar os dados dos relatórios, Anderton descobre que sua futura vítima, Kaplan, é um militar líder de uma conspiração do exército que pretende retomar o poder perdido com a ascensão da Pre-crime. No entanto, aqui está a contradição do relatório da minoria: ao tomar conhecimento do futuro, Anderton imediatamente decidiria mudá-lo e não assassinaria Kaplan. Anderton se divide entre duas hipóteses possíveis de futuro: cumprir um destino já anulado pela sua própria vontade (o destino de ser um assassino, escolha que até aquele instante ele não quer assumir), ou esperar o prazo do assassinato previsto pelos relatórios e não cometer o crime. Em jogo, se encontra a própria confiabilidade do sistema: Anderton só cogita realizar um crime ao ser informado, pelo sistema Pre-crime, que cometerá um crime (e é o próprio sistema que informa ao assassino a vítima cuja vida supostamente deverá tomar)!

Anderton decide matar Kaplan para que o sistema seja mantido, mesmo sabendo agora que podem existir falhas em um sistema de controle outrora considerado perfeito. Sua fé absoluta num “bem maior” o obriga a sacrificar o próprio destino em prol do projeto utópico que ele mesmo ajudou a criar. Toda a sociedade continua coesa por um bem maior – a ausência quase total de assassinatos - mas “Minority Report” demonstra que os projetos utópicos tendem a se equilibrar num permanente vir-a-ser totalitário, em que as linhas éticas são constantemente tensionadas até um ponto em que a ingerência sobre a liberdade individual é insuportável e inadmissível. Quanto mais controle, mais perfeita será a utopia e mais ela deslizará na direção da distopia; por outro lado, Dick mostra que sempre haverá um fator de imprevisibilidade e caos em todos os sistemas: “múltiplo” parece ser o melhor adjetivo para a palavra futuro, por exemplo, e a sua cartografia não parece possível. A colonização do destino humano, ou a própria ideia de destino, é uma ficção impactante e sedutora como a própria literatura, mas não pode ser o dogma que justifica qualquer projeto de mudança social.

A utopia possível dos nossos tempos, portanto, não parece ser realizada no planeta Marte por um grupo de colonos escolhidos, nem será efetivada no nosso próprio planeta por um sistema criminal repressor e “infalível”. Se com Bradbury aprendemos a nos encantar com as imagens da utopia, com Philip K. Dick ganhamos algumas parcelas de desconfiança. O diálogo entre literatura, seja qual for sua modalidade, e anseios sociais continua fecundo, pois através dos textos literários aprendemos a ler as nuances das grandes narrativas utópicas.

4. Referências bibliográficas

BRADBURY, Ray. **As crônicas marcianas**. Rio de Janeiro: Globo editora, 2007.

CARNEIRO, Flávio. **No país do presente: Ficção brasileira no início do século XXI**. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

CAUSO, Roberto de Sousa. **Ficção científica, fantasia e horror no Brasil**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

DICK, Philip K. **Minority Report: A nova lei**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

HANSEN, João Adolfo. Prefácio. In: CAUSO, Roberto de Sousa. **Ficção científica, fantasia e horror no Brasil**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

JAMES, Edward. Utopias and anti-utopias. In: JAMES, Edward; MENDLESOHN, Farah (orgs.). **The Cambridge companion to science fiction**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. São Paulo: Ática, 1994.

NAZARIO, Luiz. Monstros marcianos. In: JEHA, Julio (org.). **Monstros e monstruosidades na literatura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

PEIXOTO, Nelson; OLALQUIAGA, Maria Celeste. O futuro do passado: a pós-modernidade na ficção científica. In: **Pós-modernidade**. 5.ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

WELLS, H.G. O ovo de cristal. In: TAVARES; Braulio. **Contos fantásticos no labirinto de Borges**. São Paulo: Casa da Palavra, 2005.